



“A história ou a leitura do tempo”: leituras, indagações e interpretações.

Resenha de: CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Hélton Santos Gomes*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

A ficção é um discurso que informa do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é. (CHARTIER, 2009, p. 24).

Recentemente foi lançado o décimo livro publicado em português do historiador e escritor Roger Chartier batizado de **A história ou a leitura do tempo**.¹ Este novo livro foi sugerido, primeiramente, pela editora espanhola Gedisa para o seu projeto *Visión 3X*. Chartier atualmente é, além de escritor, professor e diretor do *Centro de Pesquisas Históricas* na *Ecole des Hautes Etudes* em Ciências Sociais na França. Seus estudos concentram na importância da leitura na Europa moderna. O mesmo explora também a relação entre o texto e o leitor na era digital, campo de trabalho definido após a publicação de seu segundo livro *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* em 1994. É autor de *A história cultural entre práticas e representações* de 1988 e *À beira da falésia* de 2002, entre outros.

A obra suscita um debate iniciado a partir dos anos 1970 sobre: de um lado a forma retórica e narrativa da história, partilhada com a ficção, e seu estatuto de conhecimento comprovado; e de outro, a relação entre o lugar social em que a história como saber se produz e a seus temas, técnicas e retórica. Para iniciar a discussão sobre tais questões Chartier terá como principais motivadores o arqueólogo e historiador francês Paul Veyne, o historiador estadunidense Hayden White e o filósofo francês Michel de Certeau.

* Graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (Nehac). E-mail: hellpet@hotmail.com

¹ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Doravante as citações dessa obra serão indicadas somente com o número da página.



A obra caminha em meio a discussões acaloradas, pois traz indagações importantes para o leitor acadêmico como: **História: Ciência ou ficção? A História é relato e/ou conhecimento?** Além destas proposições, nos traz também elementos importantes para que possamos refletir sobre História e Memória, sobre o conceito de “representação”, sobre as noções de tempo e espaço na História, que, por sua vez, originará uma discussão acerca da relação presente-passado-futuro.

Os processos que conferem existência ao escrito em suas diversas formas, públicas ou privadas, efêmeras ou duradouras, também se convertem no próprio material da invenção literária. p. 42.

Chartier se aproxima de White quando este diz que a História é uma representação narrativa, porém se distanciam em outro momento, pois para White a realidade só existe linguisticamente - texto/discurso -, já para Chartier o texto/discurso (lingüístico) não demonstra diretamente uma prática social, mas sim a representa. Portanto, a realidade não pode ser reduzida aos textos, podemos apenas conhecer a lógica das práticas sociais por meio das representações. Deste modo, pode-se dizer que o “discurso” é apenas uma das etapas para a construção de uma realidade sobre o passado. Logo, para Chartier, assim como para Certeau História é ciência, pois, é concebida mediante a um “conjunto de regras” e métodos e obedece a critérios de verificabilidade, ao contrário da ficção.

Cabe ressaltar que, para Chartier, o fundamento do texto histórico se dá na articulação de três elementos, são eles: o lugar social, a prática científica² e a escrita. Contudo, Chartier demonstra que há certa aproximação entre História, ficção e memória, pois, segundo ele, cada um destes - História, ficção e memória -, a seu modo, confere presença ao passado.

Além dos elementos supracitados a obra ainda aprecia, brevemente, discussões de caráter historiográfico que diz respeito às dificuldades de se delimitar os objetivos e os métodos da História Cultural. Diante de tal dificuldade Chartier diz: “conforme suas diferentes heranças e tradições, a história cultural privilegiou objetos, âmbitos e métodos diversos. Enumerá-los é uma tarefa impossível”. p. 35.

² Entende-se por *prática científica* a organização da história, esta que é relativa a um lugar e a um tempo. Esta organização se dá em função de técnicas de produção que trata os elementos “naturais” para transformá-los em culturais.



No decorrer de seu trabalho Chartier aborda questões que envolvem a leitura cultural que, por sua vez, está envolvida com o processo de construção de significados, e estes dependem das capacidades, das convenções e das práticas de leitura. No percorrer deste caminho aborda questões ligadas à prática editorial e os processos de publicação que, segundo ele, é sempre coletivo e faz com que as obras apontem para determinados efeitos de sentido.

No mundo contemporâneo com o recurso do computador que, por sua vez, está inserido neste contexto do mundo digital, surge a textualidade eletrônica. Segundo Chartier isto implica “novas modalidades de construção, publicação e recepção dos discursos históricos”. p. 59.

Esta obra é importante justamente por refletir sobre as interrogações que permeiam, hoje em dia, a escritura da história. É importante para pensarmos as várias maneiras possíveis de se escrever a história, inclusive na era digital. O livro traz elementos positivos e elementos negativos permitindo ao leitor refletir e tirar as suas próprias conclusões sobre esta temática. O texto nos ajuda a mapear os debates em torno das questões da narrativa a partir da década de 1970 com a chamada “Nova História”, período considerado pela historiografia reacionário contra os paradigmas tradicionais, em que a história, seja ela, política ou cultural, foi conduzida a introduzir novos questionamentos (abertura de horizontes, novos objetos, novos temas, novos métodos) e reintroduzir alguns mais antigos.³ Esta obra se faz importante, pois trouxe para o debate alguns estudiosos que discutem teoricamente a investigação epistemológica da “construção” dos discursos históricos, ou seja, a narrativa histórica. Por fim, a leitura do texto nos remete a outra discussão também importante: o debate acerca da existência da realidade histórica extrínseca ao texto, ou existente somente enquanto texto.

Devido a este conjunto apresentado, **A História ou a leitura do tempo** é de fato uma leitura obrigatória a todos os estudantes de História e de linguagens. Porém, faço a ressalva: para uma melhor compreensão do texto é preciso conhecer o mínimo do contexto ao qual o livro é inserido, assim como ter conhecimento acerca das discussões que envolvem a temática.

³ BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.



VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011
ISSN 1982-4238

Referências bibliográficas:

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CERTEAU, Michael de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

Recebido em: 18/04/2011
Aprovado em: 22/01/2012



www.veredasdahistoria.com